

O CHIFRE DE RINOCERONTE NA MEDICINA TRADICIONAL CHINESA



chifre de rinoceronte (xi jiao) também conhecido por xi nai jiao e xiang xi jiao e, de há muito, utilizado na China para fins medicinais, atribuindo-se a Shen Nong o Divino Agricultor, o segundo dos no-
mbrados da mais ou menos lendária Dinastia Hsia (c. 2 000 a.C.), a "descoberta" das suas propriedades terapêuticas. O nome de xiang xi jiao — chifre perfumado — advém do suave odor que dele emana quando aquecido, propriedade que distingue o chifre medicinal de outros de inferior qualidade.

Da antiga Medicina chinesa, que tem sido transmitida de geração em geração, aumentada e recriada ao longo de cerca de 4 milénios, constavam, segundo a tradição, as propriedades dos chifres de rinoceronte como medicamento classificado de média qualidade.

Parece não poder por-se em dúvida a antiga existência dos rinocerontes na China, nomeadamente em Si Chuan, o que tem sido testemunhado por abundantes restos fósseis ali exumados. Reforça esta opinião o facto de ser mencionado no Tao Te King de Lao Tse, obra que se admite ter sido escrita no séc. VI a.C. Admita-se, porém, até há pouco tempo, que as espécies do género *Rhinoceros* se haviam extinto há muitos séculos na China do Norte, certamente devido a modificações climáticas, ao derrube sistemático das florestas e ao abate imoderado dos próprios animais.

Há poucos anos, porém, a China reconheceu a existência de alguns animais do género *Rhinoceros* na floresta de Xishuangbana, a Província de Yunnan, actualmente considerada reserva natural. Estas espécies, naturalmente refugiadas, encontraram ali um ambiente próprio para a sua manutenção, inclusive um esconderijo da cupidez humana.

Segundo informam os antigos mestres chineses o chifre de rinoceronte é, por excelência, um alexifarmaco, propriedade que lhe advém do facto de se crer que estes animais podem ingerir impunemente *quaisquer plantas por mais tóxicas que*



sejam. Segundo os mesmos mestres, o *topo dos chifres pretos* são considerados os melhores como medicamento antipirético, sedativo e hemostático.

Num chifre de *Rhinoceros unicornis* L., a espécie medicamentosa por excelência, conhecida, em Macau, pela população portuguesa local por *olhicórno* ou *unicórno*, há a distinguir duas partes distintas: o *vale celestial* e o *monte terrestre*. A ponta do vale celestial é aquela que se utiliza como alexifármaco sendo o monte terrestre utilizado como afrodisíaco.

Em Macau, raspas de *monte terrestre* cozidas com caldo de sementes de loto branco constituem um dos mais famosos *elixires do amor* utilizados, até, noutros tempos, por senhoras portuguesas de Macau. A razão destas diferenças carece de explicação científica, baseando-se apenas nos antigos conceitos homeopáticos em que se apoiava a antiga medicina tradicional do Oriente. Dentro da filosofia dos opostos e dos contrários, a *Terra* e o *Céu* (representados nos "8 trigramas" base de todo o processo mágico divinatório, registado no célebre I King — Livro das Mutações — respectivamente por três segmentos inteiros e três quebrados correspondem a dois contrários de cuja união resultará o equilíbrio. Neste caso trata-se do *Céu* — princípio masculino fecundante e da *terra fértil* — princípio feminino por excelência em todos os teismos agrários.

Para serem usados, como muitos outros simples medicamentos, os chifres de rinoceronte precisam de tratamento prévio, sendo vendidos sob três formas distintas conforme o processo de preparação: — em fatias, em fibras e em pó.

Para preparação de *fatias*, mergulha-se o chifre em água durante um dia e coze-se a vapor, cortando-se, depois, transversalmente em fatias e deixando-as secar. Também pode, alias, mais simplesmente, lavar-se bem com água e secar-se, em seguida, em grandes tabuleiros de bambu.

Para preparar as *fibras* basta proceder-se a cortes não transversais de 1 a 5 centímetros.

Quanto ao *pó*, basta utilizar-se um almofariz de pedra, peneirando-se em seguida o chifre moído através de uma peneira de seda.

Este fármaco, um dos medicamentos mais caros que se vendem nas farmácias tradicionais chinesas, deve conservar-se em lugares secos e escuros, preferentemente em potes de estanho.

O alto preço dos chifres de rinoceronte advém da já muito antiga raridade deste animal naquele território. De facto, uma vez consideradas extintas no Império do Meio as antigas populações de rinocerontes, os *chifres perfumados* começaram a ser importados da Índia, da Samatra, da Cochinchina e, depois, da Tailândia, que é actualmente o melhor mercado exportador. A espécie mais apreciada, é o já citado *Rhinoceros unicornis* L. e o *Rhinoceros Sondaicus* Cav.

Do ponto de vista farmacodinâmico, o chifre de rinoceronte está, ainda, mal estudado. Foram isolados 2% de tirosina, cistina, ácido tioláctico e alguns sais orgânicos.

Para uso farmacêutico, os melhores chifres devem ser pretos, brilhantes, sem rachas e de *aroma suave*, além de pesados, ásperos e fáceis de cortar. Observados em fatias finas, contra a luz, devem apresentar pontuações translúcidas, como grãos de gergelim.

Para se avaliar a autenticidade do produto, dizem os chineses que basta mergulhar um pedaço em água quente ou aquecê-lo ao lume. Deve exalar, então, um aroma agradável ao olfacto, como já, atrás, se disse.

Dentro da classificação dos medicamentos de acordo com a *Teoria dos 5 sabores*, os chifres de rinoceronte são *frios, amargos, ácidos e salgados* pelo que, dado o respectivo regime de correspondência e antagonismos actuam sobre o coração, o estômago e o fígado.

Pelo seu papel alexifármaco, os chifres de rinoceronte são usados durante as epidemias contra estados febris, no tratamento de feridas infectadas, e em *estados de deliquio* pela sua acção cordial, actuando como sedativos pelo mesmo motivo e ainda como hemostático. Não se deve ministrar este fármaco a mulheres que aguardam um filho, sendo as doses indicadas nos estados febris de 1-4 g, e de 1-10 g em casos mais graves.

O chifre reduzido a pó ou cozido em fatias com *santi* (seng ti hoang) *Scrophularia* sp. e raiz de *Magnolia hypoleuca*, *Dioscorea* *non Sieb. et Zucc* é considerado, em Macau, um bom específico contra a febre *mutião* (nome local da febre tifóide).

Além do chifre, os chineses usam na sua medicina os seus dentes fósseis, indiscriminadamente moídos com dentes fossilizados de outras espécies e géneros diferentes, inclusivamente dentes de Homínidos, incluídos na designação geral de *dentes de dragão*.

Ana Maria Amaro